VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

VISÃO DE TÚNDALO: UM ARTIFÍCIO LITERÁRIO SOBRE OS ESPAÇOS DO ALÉM NO MEDIEVO

Rakell Rays dos Anjos Alves*

Adriana Maria de Souza Zierer (Orientadora)**

As sociedades, em geral, sempre desenvolveram uma intensa relação com o sobrenatural. Essa relação encontra-se pautada nas representações mentais, ligando-se ao processo de abstração. Ao partirmos de uma abordagem histórica para uma melhor compreensão dessa relação lançamos mão da conceitualização de imaginário. Segundo SCHIMTT, o imaginário é concebido como:

> uma realidade coletiva que consiste em narrativas místicas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais. Toda a sociedade, todo grupo produz um imaginário, sonhos coletivos garantidores de sua coesão e de sua identidade. (SCHMITT, 2007, p.351)

---

* Bolsista do CNPq/PIBIC/UEMA na área de História nos períodos 2011-2012, sob a coordenação da prof. Adriana Zierer, inserida no projeto *Viagens Imaginárias Medievais*, com o sub-projeto "A Geografia do Além na Visão de Túndalo".

** Doutora em História Medieval. Professora Adjunta do Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa *Brathair* – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos e *Mnemosine* (Laboratório de História Antiga e Medieval da UEMA). Coordenadora do projeto de pesquisa *Viagens Imaginárias Medievais*.

E-mail: adrianazierer@gmail.com

ISBN: 978-85-98711-10-2

O historiador LE GOFF, compartilhando dessa mesma premissa, adiciona que "o imaginário, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade". (PESAVENTO, 1995, p.15). Sendo assim, as diversas produções tanto literárias, quanto artísticas acabam por se tornar fontes imprescindíveis para o estudo do imaginário medieval.

Durante o contexto da Baixa Idade Média, caracterizado por profundas transformações na sociedade da Europa Ocidental, as ordens monásticas, assim como as mendicantes, se destacaram com a predominância na participação da salvação da alma do homem medieval, culminando num discurso mais elaborado do século XII. Período em que se intensificaram as produções e divulgações sobre relatos acerca do Além, oriundos dos avanços escolásticos e de uma adaptação das Sagradas Escrituras à linguagem oral e mais popular.

Esses relatos, tidos como verídicos, eram introduzidos pelos religiosos ao longo dos sermões e dos discursos com fundo teológicos. As historietas têm como peculiaridade minuciosas descrições dos lugares para onde seriam conduzidas as almas dos bem aventurados e, sobretudo, dos condenados, a partir dos testemunhos de viagens feitas para o outro mundo misterioso, pelos escolhidos a partir da benevolência divina.

O homem medieval, como esclareceu a estudiosa ADRIANA ZIERER, se via como um viajante entre esses dois mundos. O do corpo, que é pecador, é o espaço da vida terrena, sendo este apenas um lugar temporário – efêmero – onde, no "fim", a alma faz sua "viagem" através da "morte" para o outro mundo. O mundo do Além, lugar eterno assim como as almas que para lá seriam levadas. (ZIERER, 2002, p.152)

Contudo, o Além Cristão era um mundo por vezes temido, pois inicialmente a idéia de espaço no Além ainda era muito confusa. Tradicionalmente se dividia em dois reinos opositores entre si: o Céu e o Inferno.

Mesmo com essa confusão acerca dos lugares do Além, é importante destacar que por muitos séculos, no pensamento cristão, já existia a idealização de um lugar de espera entre a morte e o momento da *parusia*, que representa a segunda vinda de Cristo.

Esse terceiro mundo que posteriormente vem a se estabelecer, já em meado do século XII, é o Purgatório. Um espaço de purgação dos pecados veniais, ou seja, dos

ISBN: 978-85-98711-10-2

pecados considerados leves e que são passiveis de serem perdoados por Deus, através da penitência e da purgação nesse ambiente.

Essa transformação na estrutura do sistema do Além-medieval, a partir da transição de um sistema binário para um sistema terciário, se tornou objeto de estudo para o medievalista LE GOFF, resultando no livro "*O Nascimento do Purgatório*". Obra de considerável importância neste estudo.

Ressaltemos mais uma vez um dos principais elementos desse gênero literário tradicional, que explodiu no seio da literatura apocalíptica judaico-cristã, fortemente "influenciada pelos tratados do Apocalipse, (...), em especial pelo Apocalipse de Pedro e o Apocalipse de Paulo". (LE GOFF, 1995, p.133). Uma literatura pautada no elemento da viagem.

A concepção de viagem na Idade Média estava atrelada a idéia de Salvação. Pois,

> devido ao sentimento de culpa proveniente do Pecado Original, (...), a população buscava a salvação através de uma viagem, como, por exemplo, as peregrinações para atingir a Terra Santa (Jerusalém). Estes deslocamentos eram inseguros (estradas ruins, ameaças de assalto e de doenças) e visto como uma forma de salvação, na medida em que o peregrino nunca sabia com certeza se iria voltar ou não. Ele desejava sentir em seu corpo o que Cristo e os outros mártires haviam sofrido. (ZIERER, 2002, p.154).

Ao transferirem essa perspectiva para o espaço cósmico, se utilizaram do simbolismo da viagem para conhecer a geografia do Além. Só que eram viagens imaginárias- as Visões.

A Visão de Túndalo, fonte em estudo, é um exemplo de viagem imaginária. A narrativa de origem cisterciense escrita em meados do século XII tem sua autoria atribuída ao irlandês Marcos. Neste trabalho, utilizamos a versão dos códices de Frei Zacarias de Payopelle (códice 144), publicada em 1895 na Revista lusitana por F. M. Estes Pereira.

ISBN: 978-85-98711-10-2

UM MODELO DE VIAGEM IMAGINÁRIA: *A VISÃO DE TÚNDALO*

A história inicia referenciando o peregrino Túndalo, ao qual lhe foi mostrado visivelmente às penas do Inferno e do Purgatório. E logo em seguida todos os bens e glórias que existem no Santo Paraíso. (VT, 1895, p.101). Neste trecho, se faz interessante pontuar, que o autor nega a possibilidade da história ter-se dado através da revelação, e enfatiza o fato do cavaleiro ter realmente estado nesses espaços que lhe foram desvendados de forma "visivelmente clara", ressaltando a veracidade do discurso.

No momento em que iniciaria sua jornada espiritual aos espaços do Além, Túndalo encontrava-se na província da Irlanda em meio aos desejos mundanos. Descrito como um cavaleiro jovem, bonito e proveniente de uma família com boa linhagem, tornou-se muito vaidoso de si. Recebe duras críticas principalmente pelo pouquíssimo zelo que possuía pela sua alma, justamente porque não cumpria com os compromissos de um "bom cristão", pois, não era de ir à igreja e nem fazia orações com frequência. Além de dar pouquíssimas esmolas por Deus, fazia muitos gastos e desperdícios com "coisas de mau uso".

O objetivo da jornada do cavaleiro Túndalo é explicitado claramente pela fala do monge Marcos, na seguinte passagem: “este tal e tan pecador quis deus por exemplo de nos todos, que uisse muytas cousas e as sofresse e que as contasse a nos per que tomássemos exemplo pêra nos castigarmos de mal fazer.” (VT, 1895, p.101). A sua experiência deveria servir para que os medievais se arrependessem dos seus pecados e emendassem suas falhas, levando uma vida mais virtuosa, de acordo com as práticas de um "bom cristão".

Logo que a alma de Túndalo sai do corpo e ele não consegue retornar, entra em desespero, pois tinha a consciência que era um grande pecador. Ao olhar para os lados viu uma quantidade enorme de demônios que se espalharam por todos os lugares. As casas, ruas e praças estavam tomadas por esses seres que o cercaram e se apresentaram como a sua companhia no fogo do Inferno, para onde iria ser levado por ter se entregue aos vícios. Essa descrição, que invadiu o imaginário do homem medieval, refletia a crença que surgiu da “leitura das Sagradas Escrituras e da literatura apócrifa, os

ISBN: 978-85-98711-10-2

teólogos concluem que a terra estava infestada por inumeráveis legiões de demônios". (NOGUEIRA, 2002, p.51).

No momento em que era perturbado pelos demônios, eis que surge um anjo coberto de luz, que o retira dali, sob várias contestações dos seres maléficos, para iniciar a viagem. Este anjo-guia é um personagem sempre presente nas viagens imaginárias ao Além, na qual sua figura é uma representação do Divino.

OS ESPAÇOS INFERNAIS NA *VISÃO DE TÚNDALO*

Túndalo ao seguir o anjo, chega a um vale cheio de trevas, muito fundo e calorento, que tinha uma cobertura de ferro e vários carvões em chamas. O lugar fedia muito, e as almas dos indignos eram queimadas, e em seguida jogadas como cera derretida sobre os carvões acessos e colocadas bem lá no fundo, onde ferviam, assemelhando-se ao azeite quando ferve. Túndalo ao presenciar essa pena indaga o anjo que almas eram aquelas e por que recebiam tal pena. A resposta é que as almas castigadas eram dos matadores e de todos aqueles que consentiam com esse pecado. (VT, 1895, p.103)

Num outro momento os dois desceram num vale ainda mais fundo e mais escuro. Nesse espaço Túndalo não conseguia enxergar nada, mas percebeu que havia um rio, pois ouvia o barulho da correnteza. Rio do qual saia fumaça e um insuportável fedor. O cavaleiro começou a ouvir muitos barulhos, das almas que se encontravam dentro do rio em intenso sofrimento, se desesperavam fazendo ensurdecedores gritos e gemidos bradavam por padecerem tão grande castigo.

Por cima do rio, havia uma tábua e madeira formando uma ponte que se estendia de um extremo ao outro do monte. Aquela ponte era muito comprida e estreita, tão reduzida que só se poderia colocar um pé de cada vez, pois não dava os dois juntos. Era quase impossível passar ali sem cair, a não ser que fosse um cristão muito bom, um escolhido de Deus. O cavaleiro presenciou a queda de muitas almas, contudo viu um peregrino que ia bem seguro pela ponte. Essa ponte, da qual milhares de almas caíam servia de provação para os que roubaram e tomaram dos alheiros. (VT, 1895, p.103-104)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Dediquemos uma maior atenção a essas passagens, pois nos saltam aos olhos elementos que corroboram para nossas futuras conclusões. Discutiremos rapidamente o processo de delimitação dos espaços no Além.

Como já foram aqui expostos, os ambientes do mundo pós-morte até então incertos começam a se moldar a partir do século XII, período do advento do Purgatório. Segundo LE GOFF, esse espaço intermediário é atraído por dois pólos: O Paraíso e o Inferno.

"Mas bem cedo o Purgatório (ainda em esboço) se inclinou para o Inferno e levou muito tempo a distinguir-se dele. Até o século XIII – e por vezes mais tarde – não passou de um inferno menos profundo onde não se era atormentado por toda a eternidade, mas sim temporariamente, a Geena superior". (LE GOFF, 1995, p.240)

Nesse aspecto a versão da Visão de Túndalo que utilizamos, contemporânea a construção desse terceiro espaço, apresenta-se confusa e vaga quanto aos limites do Inferno e do Purgatório. Contudo, percebemos o esboço do espaço purgatório em trechos como a tranquila passagem do peregrino pela ponte, purgando um pecado aparentemente venial, já que é o único que consegue atravessar em segurança os obstáculos da ponte.

Outros indícios dessa distinção consistem no trecho inicial da narrativa, afirmando a passagem pelas penas do Inferno e do Purgatório, como ambientes diferentes. E ao longo do texto o cavaleiro desce cada vez mais, chegando a um lugar ainda mais profundo, onde existem as piores punições e é justamente nesse ambiente que encontra o Diabo.

Esses trechos, também nos possibilitam uma descrição bem detalhada acerca dos Reinos Infernais (Purgatório e Inferno). Estes, geograficamente são cheios de profundos vales, montanhas, abismos, pontes tortas, símbolos dos obstáculos ali existentes que dificultam ainda mais a conturbada travessia. Além dos longos caminhos que se percorria, salientando as grandes distâncias.

As torturas constantemente são causadas pelo fogo, quando as almas são diretamente jogadas nas labaredas, ou fervidas entre os carvões em chamas. Diferente do que popularmente imagina-se sobre o Inferno, na narrativa ele não se constitui

ISBN: 978-85-98711-10-2

apenas com a presença do fogo. Este é o principal elemento, contudo contrasta com rios, lagos e mares muito gelados, um intenso frio e violentas ventanias. Na visão algumas almas oscilam entre o fogo e o frio, consistindo no tormento da passagem direta de um extremo ao outro.

Ao longo da jornada, Túndalo padece alguns das infinitas provações existentes. Uma forma de tormento por qual o cavaleiro passa, ininterruptamente, é o sofrimento através dos cinco sentidos. Pela visão sofre com a predominância das trevas, da escuridão, do breu que dificultava enxergar, além das imagens horrorosas que presencia como a feiúra das criaturas infernais. A audição é atingida pelos constantes gemidos, gritos, choros e súplicas das almas torturadas. O paladar é referenciado pela privação, a fome e a sede. O fedor insuportável invadia suas narinas, causando-lhe náuseas. E por fim as agressões e a infinita dor que sente na alma, quase corpórea.

Os demais castigos que afligem a alma do cavaleiro são relacionados aos sete pecados capitais – a avareza, luxúria, inveja, gula, ira, vaidade e preguiça. E para cada um desses pecados existe uma punição equivalente, como salienta ZIERER, que analisando a mesma fonte estabeleceu o quadro comparativo que vemos abaixo (ZIERER, 2002, p.168):

Pecadores	**Pecados**	**Castigo**
1. Assassinos	Ira	Sofrem num vale profundo com carvões e com cruzel de ferro branco que queima mais que carvões.
2. Traidores	Vaidade	Almas passam do fogo do enxofre para rio gelado e depois para o fogo novamente.
3. Orgulhosos	Inveja	Almas passam do fogo do enxofre para rio gelado e depois para o fogo novamente.
4. Avaros	Avareza	São comidos e atormentados pela besta Aqueronte, depois são colocados no fogo e no rio de enxofre.
5. Ladrões	Preguiça e Inveja	Passam por ponte estreita com pregos afiados; enormes bestas comem os que caem das pontes.
6. Glutões e Fornicadores	Gula e Luxúria	Jogadas em enorme forno que queima tudo, torturados por diversas ferramentas.

ISBN: 978-85-98711-10-2

7. Luxuriosos, principalmente os eclesiásticos	Luxúria	Besta devora as almas e as vomitam, almas concebem monstros, como serpentes e outros que mordem, agulhas

Nos momentos em que o anjo se afastava do cavaleiro, este padecia as punições. E todas as vezes que o anjo retornava, sempre destacava a infinita misericórdia de Deus, que por ser muito piedoso mandava o anjo voltar para auxiliar. Sendo que, Túndalo no princípio da sua jornada questionava sobre essa infinita misericórdia divina, entretanto, após sentir alguns castigos, e ser resgatado pelo anjo passou a apresentar-se arrependido da falta que cometeu, e reconheceu a grandiosa bondade divina para com a sua alma tão pecadora.

As sucintas passagens apresentadas, acerca dos reinos infernais, contribuem para uma melhor caracterização desses espaços. Proporcionando-nos uma maior noção referente à geografia e aos tormentos dos mundos inferiores que alimentavam o imaginário medieval. Agora voltemo-nos para a figura do Diabo e das criaturas infernais.

A FIGURA DE LÚCIFER E DOS DEMÔNIOS NA VISÃO DE TÚNDALO

Segundo o pensamento cristão o Diabo é a personificação de toda a maldade existente e utiliza esse conjunto de forças malignas para afastar o cristão do caminho de Deus e levar toda a humanidade para a danação. Na tradição bíblica, o Diabo antes de se tornar o principal inimigo de Deus e da espécie humana, possuiu todo o direito de usufruir das maravilhas existentes no céu, pois era um anjo da hierarquia mais elevada. Vaidoso de si e desejoso de comparar-se ao Divino revolta-se contra Deus, por isso sofre o castigo de ser rebaixado e padecer eternamente. Com ele é expulso uma parte das legiões angelicais que o seguiam. (NOGUEIRA, 2002, p.71)

Esses seres, anteriormente angelicais, tornam-se cúmplices e ajudantes do Diabo. Na narrativa, Túndalo relata a presença constante de uma inumerável quantidade de demônios, os seres responsáveis por infringir os sofrimentos às almas pecadoras. Esses “demônios animais e monstruosos tenderam a seguir as formas sugeridas pela Bíblia, pela teologia e pelo folclore, como cobras, dragões, leões, cabras e morcegos”.

ISBN: 978-85-98711-10-2

(RUSSEL, 2003, p.125). O simbolismo existente por trás da representação das criaturas desprovidas de beleza faz referência à corrupção espiritual desses seres.

Os demônios eram equiparados com uma série de instrumentos que serviam para intensificar o sofrimento. Túndalo relata que "estes diaboos tynham em suas maãos gadanhos de ferro muyto agudos e outros aparelhamentos. con que empesauan as almas". (VT, 1895, p.103). Equipados com gadanhos, martelos e outros objetos pontiagudos, com os quais esmagavam, cutucavam e esfolavam as almas que estavam em seu poder.

O cavaleiro se encontrava muito abatido pelas intensas provações que passou. No fim da sua jornada espiritual pelos ambientes infernais, por aonde ia sempre descendo, chegou ao espaço mais profundo de todos, as profundezes do Inferno. Lá se deparou com o Príncipe das Trevas, viu que os tormentos e as tribulações eram infinitamente maiores e piores.

Ao se referir à figura do Diabo Túndalo afirma que

> El era negro assim como caruon e auia figura chomen des os pees ataa cabeça e auia boca em que auia muitos males e tynha huun rabo assy grande que era cousa muito spantauil. No qual rabo auia mil maaons. e em cada maaon auia em ancho cem palmos e as suas maaons. e as hunhas delas e as hunhas dos pees eram tam anchas como muy agudas. pera atormentar as almas. (VT, 1895, p.110)

Lúcifer, o qual lhe é atribuído a fama de ter sido o anjo mais belo do céu, quando expulso do Paraíso começa a perder, gradualmente, a semelhança que possuía com os demais entes divinos ao longo do desenvolvimento da demonologia, e da constituição do cristianismo enquanto religião predominante no Ocidente Medieval, a partir do ano 1000. A sua imagem foi sendo atribuídas características animalescas de forma a tornar-lo aterrorizante. Os modelos que influenciaram a iconografia demoníaca se assemelham bastante com as clássicas imagens de Pã, cornudo, cascudo, e muitas vezes corcunda e negro como um etíope. (RUSSEL, 2003, p.65)

A figura mais aterrorizante de todas lançava chamas pela boca e espalhava várias almas, que sofriam no seu ventre, para diversas partes do Inferno. Ele estava deitado, preso a uma estrutura de ferro, uma grelha, sob carvões em chamas e uma

ISBN: 978-85-98711-10-2

legião de demônios atormentava lhe aumentando as brasas, cutucando lhe com os aparelhos torturadores e possuía uma coroa na sua cabeça.

No Inferno predominava a escuridão, que contrastava com as labaredas de fogo lançadas pelo Diabo. Tudo era mais intenso, a longa descrição enfatiza os sentimentos negativos, o desespero, sofrimento, medo, pavor das almas que entre choros e gritos padeciam pelas mãos dos atormentadores e do impiedoso Lúcifer.

Esse relato de viagem imaginária que "sobreviveu" até a atualidade, apresenta algumas das formas de representações que persistiram no imaginário da sociedade medieval relacionados às características dos espaços do Além, para os quais, as almas iriam ser levadas após a morte por toda a eternidade. Entretanto, a relação existente entre as condutas transgressoras, praticadas na vida terrena e a equivalência desses atos no *post-mortem*, demonstra o constante conflito entre as virtudes e vícios do homem medieval cristão. Essa situação agravava-se com a progressiva difusão do medo e do terror, difundidos através dos relatos de viagens imaginárias ao Além.

A narrativa possui uma estrutura bem didática, a exemplo, os momentos que intercalam diálogos entre Túndalo e o anjo, ressaltando a lógica de equivalência entre as condutas praticadas em vida e sua proporção após a morte. Outro elemento desse dinamismo é que em cada área nova, a qual adentrava, o cavaleiro indagava sobre o lugar, as penas específicas que ali eram realizadas, e qual o pecado praticado pelas almas que ali se encontravam. Tornando-se mais um indício da utilização desse recurso didático, dos diálogos e da relação "causa - efeito". Além das minuciosas descrições, que alimentam uma imaginação aterrorizante.

Outra elaboração identificável é a preocupação que surgia com a necessidade de se dividir e delimitar os espaços do *Além-túmulo* (tanto do submundo quanto do Paraíso que também é estratificado), numa forma de hierarquização do Além. Essa hierarquia partia dos reflexos da organização social da própria sociedade medieval. Na narrativa, os indivíduos mais "agraciados" pelo poder divino partiam do seio da instituição religiosa.

A análise da narrativa, que dentre as suas várias mensagens, destaca-se a de demonstrar que as ações realizadas durante a vida terrena eram determinantes para estabelecer o lugar que certa alma ocuparia após a morte, utiliza-se das representações

ISBN: 978-85-98711-10-2

dos espaços infernais (Purgatório e o Inferno) e de minuciosas descrições dos tormentos. Por trás da ênfase desses ambientes, em "detrimento" da importância dedicada as glórias proporcionadas no Paraíso, há outra finalidade, enfatizar os tormentos para que os fiéis adotassem posturas que segundo o pensamento cristão, conduziriam à salvação. A partir desse temor proporcionado pela narrativa, que incitava a construção de um imaginário aterrorizante, o cristão iria "refletir" e arrepender-se dos pecados praticados, e consequentemente se dedicaria para mudar seu comportamento, para que na "outra vida" não lhe fossem infligidos os castigo que ouvira. Desse modo, os resultados obtidos, corroboram para nossa compreensão da utilização do relato eclesiástico, *Visão de Túndalo*, como um recurso didático-pedagógico, que teria por finalidade maior a capacidade de "atingir" os fiéis, fazendo com que eles se arrependessem e seguissem as práticas adequadas, ou seja, as condutas estabelecidas pela Igreja Católica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte Primária:

Visão de Túndalo. Ed. de F.H. Esteves Pereira. Revista Lusitana, 3, 1895.p.97-120 (Códice 244).

ESTUDOS

LE GOFF, Jacques. As raízes medievais da Europa. *tradução de Jaime A. Clasen. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.*

LE GOFF, Jacques. **O nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editora Estampa. 2°ed. 1995. (correto é: 2ª ed., Lisboa: Estampa, 1995)

NOGUEIRA, Carlos Roberto F. **O diabo no imaginário cristão**. 2.ed. - Bauru, SP: EDUSC, 2002. 126 p.: Il.; 21 cm. - (Coleção História). (retirar a parte em vermelho)

RUSSELL, Jeffrey Burton. **Lúcifer: o diabo na idade média**. São Paulo. Madras Editora, 2003.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das imagens**. São Paulo: EDUSC, 2007.

ISBN: 978-85-98711-10-2

MAGALHÃES, Ana Paula Tavares. A pobreza como valor fundamental na Baixa Idade Média: aspectos teóricos sobre a origem das heresias (século XIII). ZIERER, Adriana (Org.). **Uma Viagem Pela Idade Média: Estudos Interdisciplinares**.- São Luís: Editora UEMA, 2012, p. 47-59.

PESAVENTO, Sandra. Em Busca de Uma Outra História: Imaginando O Imaginário. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 15, n. 29, 1995.

ZIERER, Adriana. "Paraíso versus Inferno: A Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (Século XII)". In: FIDORA, Alexander e PASTOR, Jordi Pardo (coord). Expresar lo Divino: Lenguage, Arte y Mística. **Mirabilia**. **Revista de História Antiga e Medieval**. São Paulo*:* Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio/J.W. Goethe-- Universität Frankfurt/Universitat Autònoma de Barcelona, v.2, 2003, p.150-184.(Disponível na Internet: **Mirabilia** 2 (2002). www.revistamirabilia.com). Acesso em 25/09/2011.